



INFINITUM
ISSN: 2595-9549

Vol. 9, n. 19, 2026, 1 - 21

DOI: <https://doi.org/10.18764/2595-9549v9n19e24114>

**Uma discussão sobre o estudo de grupos sociais a partir de
Norbert Elias: “um percurso entre o Cila da Física e o Caribides da
Metafísica¹. ”**

Tamires Silva Moraes Plácido

Instituição: Universidade Federal do Maranhão – Maranhão - Brasil

E-mail: tamires.moraes@discente.ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1641-2985>

Gamaliel da Silva Carreiro

Instituição: Universidade Federal do Maranhão – Maranhão - Brasil

E-mail: gamaliel.carreiro@ufma.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0139-7321>

Resumo: Este trabalho desenvolveu uma discussão sobre procedimentos teóricos-metodológicos adequados à análise sociológica de grupos sociais. Para fazê-la, partiu das argumentações de Norbert Elias e as correlacionou a alguns posicionamentos de outros autores, sobre o mesmo assunto. Portanto, contou com o recurso metodológico da revisão bibliográfica. A hipótese que sustentamos derivou da ideia de que os modelos sociológicos que dispomos para analisarmos grupos sociais, são antes, parte de um processo social de longa duração, que modulou nossos modos de pensar e falar, de origens, dos domínios mágico-mítico e das ciências naturais e, por isso, surtem como inadequados à reflexão e análise dos fenômenos sociais. Chegamos às conclusões de que a complexidade de algumas das teorias sociológicas modernas e a incompreensão dos pesquisadores acerca de quais instrumentos metodológicos utilizar para a análise de grupos sociais, por exemplo, derivam, em grande medida, de transposições teóricas e conceituais das ciências físico-químicas. Por fim, este trabalho se direciona para

¹ Norbert Elias (1999, p. 23)



os estudos de estratégias metodológicas e sistematização de dados relativos às pesquisas na área da sociologia.

Palavras-Chave: Norbert Elias; Procedimentos teóricos-metodológicos; Grupos sociais; Ciências físico-químicas; Sociologia.

A discussion on the study of social groups from Norbert

Elias: "a journey between the Scylla of Physics and the Charibdes of Metaphysics."

Abstract: This paper developed a discussion on theoretical and methodological procedures suitable for the sociological analysis of social groups. To do so, it started from the arguments of Norbert Elias and correlated them with some positions of other authors on the same subject. Therefore, it relied on the methodological resource of bibliographical review. The hypothesis we support derives from the idea that the sociological models we have to analyze social groups are, first and foremost, part of a long-term social process that has shaped our ways of thinking and speaking, originating in the magical-mythical domains and the natural sciences, and, therefore, appears inadequate for the reflection and analysis of social phenomena. We reached the conclusion that the complexity of some modern sociological theories and the lack of understanding among researchers about which methodological instruments to use for the analysis of social groups, for example, derive, to a large extent, from theoretical and conceptual transpositions of the physical-chemical sciences. Finally, this work focuses on the study of methodological strategies for collecting and systematizing data related to research in the area of sociology.

Keywords: Norbert Elias; Theoretical-methodological procedures; Social groups; Physical-chemical sciences; Sociology.

Una discusión sobre el estudio de los grupos sociales de

Norbert Elias: "Un viaje entre la Escila de la Física y los Caríbides de la
Metafísica."

Resumen: Este trabajo desarrolló una discusión sobre procedimientos teórico-metodológicos adecuados para el análisis sociológico de grupos sociales. Para ello, partió de los argumentos de Norbert Elías y los correlacionó con algunas posiciones de otros autores sobre el mismo tema. Por lo que se apoyó en el recurso metodológico de la revisión bibliográfica. La hipótesis que sostendemos deriva de la idea de que los modelos sociológicos que tenemos para analizar los grupos sociales son, más bien, parte de un proceso social duradero, que moduló nuestras formas de pensar y hablar, de los orígenes, de los dominios mágico-míticos y de ciencias naturales y, por tanto, parecen inadecuados para la reflexión y



el análisis de los fenómenos sociales. Llegamos a la conclusión de que la complejidad de algunas teorías sociológicas modernas y la incomprendición de los investigadores sobre qué instrumentos metodológicos utilizar para el análisis de grupos sociales, por ejemplo, derivan, en gran medida, de transposiciones teóricas y conceptuales de las ciencias físico-químicas. . Finalmente, este trabajo se centra en estudios de estrategias metodológicas para la recolección y sistematización de datos relacionados con la investigación en el campo de la sociología.

Palabras clave: Norberto Elías; Procedimientos teórico-metodológicos; Grupos sociales; Ciencias fisicoquímicas; Sociología.

INTRODUÇÃO

Como devemos agir metodologicamente em trabalhos científicos, quando o assunto são grupos sociais? Essa foi a pergunta que instigou o desenvolvimento deste diálogo. Acompanhar o raciocínio de Norbert Elias (1999) é uma boa maneira de respondê-la. A pergunta parece de resposta óbvia, mas o autor mostra que não. Metaforicamente, “um percurso entre o Cila da Física e o Caríbides da Metafísica”, revela como o “stok de conceitos e palavras usados cotidianamente na sociedade europeia”, reverberaram negativamente sobre os modos de fazer pesquisa de sociólogos ao longo do tempo. Esses modelos com os quais estamos acostumados a lidar, para o autor, são “próprios das ciências da natureza que [...] se tornaram firmemente institucionalizados” (Elias, 1999, p. 18).

Se há certa dificuldade em se conceituar e estudar grupos sociais, seja por os considerarmos “como bocados de matéria-objetos, tais como as rochas, árvores ou casas,” ou mesmo por simplesmente estarmos imersos inconscientemente na “nossa maneira tradicional de formar esses conceitos,” como dito por Elias (1999, p. 14), estamos diante de um longo processo de “cientificização do pensamento” em que o “vocabulário científico”, “os modos de discurso ou de pensamento” derivaram de “noções e modos de pensar antropomórficos e egocêntricos”, espalhados e defendidos,



“por uma pequena elite que até hoje enformam o pensamento e o discurso quotidianos de certos grupos sociais” e emergem enquanto linguagem científica atualmente (Elias, 1999, p. 19-20).

Não saber como falar de grupos ou como analisá-los não é uma dificuldade tão somente de responsabilidade do pesquisador, mas é o resultado de uma forte institucionalização de modelos de pesquisa devedores de séculos de influências das Ciências da Natureza nas Ciências Sociais. Por isso, o trajeto que levaria a linguagem das ciências sociais, de seu estado heterônomo para o autônomo, seria o que Elias metaforizou como sendo entre “Cila” e “Caribides”: entre o monstro devorador de homens e o monstro que destrói navios. Pois trata-se de um trajeto complexo por si só, uma vez que uma “reorientação do discurso e do pensamento” necessitaria de “uma grande inovação linguística e conceitual”, que realizada de “modo apressado poderia fazer perigar as suas possibilidades atuais de compreensão.”

De outro ponto, “em circunstâncias favoráveis,” o autor explica que “os neologismos simples podem passar muito rapidamente a ser utilizados socialmente”, contudo, uma mudança substancial, ou mesmo radical, levaria “um período de duas ou três gerações” para se realizar, pois que a mesma não ocorreria sem “entrar em conflito com modos velhos e mais comuns,” em embates geracionais, elitistas, governamentais, institucionais, etc., o que não suplanta a sua emergência e a sua necessária iniciação (Elias, 1999, p. 21).

A explicação de Elias enfraquece a hipostasia de que existe certa obviedade na resposta à pergunta sobre como estudar grupos. Embora se saiba que os grupos de pessoas são “formados por seres humanos interdependentes”, não deixa de ser um desafio mobilizá-los analiticamente (Norbert Elias, 1999, p. 14). Sobretudo porque é impossível ao pesquisador uma libertação integral dos modos de discurso e de



pensamento devedores da física e metafísica, inadequados à sociologia, que se encontram radicados em seu próprio inconsciente.

Também colabora para a discussão sobre o estudo de grupos sociais, a ilustração de Pierre Bourdieu (1989), quando se refere à análise das relações grupais entre indivíduos, pois, afirma ele, existe uma classe, que constitui um grupo, que ocorre tão somente no papel, que “tem a existência teórica, que é a das teorias: enquanto produto de uma classificação explicativa, perfeitamente semelhante à dos zoólogos ou dos botânicos”, isto é, que possibilitam ao pesquisador alguma explicação acerca das atitudes de um grupo social. Consistindo, portanto, em um grupo no sentido de “classe provável” e não de “classe real”, devendo a classe teórica ser considerada pelos pesquisadores, somente enquanto uma probabilidade de relações (Bourdieu, 1989, p. 136).

De igual modo, Remi Lenoir (1998) nos ensina a trabalhar com grupos sociais. Em seu trabalho *Objeto sociológico e problema social* nos apresenta exemplos de grupos costumeiramente recortados para censos, análises e pesquisas das mais diversas naturezas. Um exemplo utilizado em profusão, de maneira inconsciente, por muitos pesquisadores, é a noção de grupo etário. Quase sempre em entrevistas perguntamos a idade do entrevistado e os categorizamos grupo a grupo.

A esse respeito, explica que “se a idade cronológica e as divisões que, por seu intermédio, se tornam possíveis, podem ser consideradas noções sociais, as categorias que ela permite distinguir não chegam a formar grupos sociais”. E complementa que “as divisões ‘aritméticas’ da escala das idades podem vir a ser categorias ‘nominais’ (os ‘velhos’, os ‘jovens’, os ‘adolescentes’) sem designar grupos sociais definidos nesses termos” (Lenoir, 1998, p. 65-66). O que nos permite perceber que um grupo social, real ou mobilizado, como expressado por Bourdieu, não é o equivalente ao recorte analítico que geralmente se faz dele.



Ainda sobre como fazer um trabalho científico com grupos sociais, Norbert Elias e John Scotson (2000), nos ajudam neste propósito. Na obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* os autores concedem aportes teóricos metodológicos para a compreensão e análise do que chamamos de grupos sociais. Especialmente quando explicaram como organizaram a metodologia da pesquisa para estudar os grupos daquela comunidade.

De forma sintética, destacamos que os autores, diante do universo da pesquisa, uma cidade que compunha uma área de construções suburbanas nas bordas de uma cidade industrial do centro da Inglaterra, entre os anos de 1959-60, em que os grupos de trabalhadores assalariados das zonas recortadas para a análise, não possuíam quase nenhuma diferença em termos de faixas de renda, profissão e classe social, optaram por unir à metodologia estatística outros procedimentos, tais como os contornos de uma configuração social também pautada no critério de antiguidade dos moradores no território (Elias e Scotson, 2000, p. 51-52).

Ademais, reafirmamos que neste trabalho nos aplicamos a realizar um paralelo do entendimento de Norbert Elias (1999) acerca do estudo de grupos sociais e o de outros autores. O fizemos, por meio, principalmente da obra *Introdução à Sociologia*, de Norbert Elias (1999), tendo por suplemento às obras dos autores Norbert Elias e John Scotson (2000), Pierre Bourdieu (1989), Remi Lenoir (1998) e as contribuições de outros autores e autoras, no que consiste ao estudo de grupos sociais.

O ESTUDO DE GRUPOS: UM PERCURSO ENTRE O CILA DA FÍSICA E O CARÍBIDES DA METAFÍSICA

Embora os autores Norbert Elias (1999), Norbert Elias e John Scotson (2000), Pierre Bourdieu (1989), Remi Lenoir (1998) nos tenham instruído a como estudar as



relações entre pessoas em grupos sociais, ainda persistem em nosso vocabulário “os instrumentos convencionais” de pensamento e, portanto, de linguagem no campo científico, “geralmente construídos como se tudo aquilo que experienciássemos como externo ao indivíduo fosse uma coisa, um objeto e pior ainda, um objeto estático”. A base disso está no sentido de cisão entre nós, os outros e as coisas, que é “reproduzido e reforçado por idiomas correntes, que fazem com que este atual tipo de experiência surja como evidente e incontestável” (Elias, 1999, p. 13). Isso ocorre porque há um “mecanismo social do pensamento e da linguagem,” que oferecem modelos de pensar e falar “ingenuamente egocêntricos” de origem mágico-mítico e das ciências naturais, que nos leva a considerá-los, como dissemos, inequívocos e indubitáveis (Elias, 1999, p. 17).

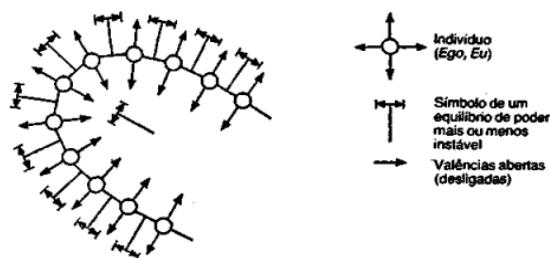
A nossa forma de estudar grupos sociais ou outros temas é resultado, primariamente, de modos de pensamento transpostos de um domínio a outro, que não ocorreu rapidamente, isto é, “antes de ser possível uma aproximação científica dos fatos naturais, as pessoas explicavam as forças naturais em termos e modos de pensar decorrentes da experiência que tinham com forças interpessoais”. Por isso, como falado por Elias, essa forma de pensar e falar são adequadas para o “nível de uma linguagem cotidiana”, por serem “usuais e inteligíveis”, mas sucumbem quando esbarram no nível científico, pois erigem modelos analíticos inadequados ao estudo dos fenômenos sociais (Elias, 1999, p. 16-17).

Assim, de acordo com o “padrão básico de uma visão egocêntrica da sociedade”, no modelo de senso comum que ainda persiste em nossa linguagem, “o modo típico e predominante de conceitualizar esses grupos sociais e a autopercepção que expressam, correspondem geralmente à [...] pessoa individual, o ego particular rodeado de estruturas sociais”. Tais estruturas são constantemente reificadas em nossos discursos e obscurecem a concepção de que somos indivíduos



interdependentes, ou seja, pessoas “orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras”. A título de exemplo, a figura “representação de indivíduos interdependentes (família, Estado, grupo, sociedade, etc.)”, obra *Introdução à sociologia*, ajuda o pesquisador a superar o que Elias chamou de reificação de conceitos acerca da sociedade (Elias, 1999, p. 14-15).

Figura 1: Representação de indivíduos interdependentes



Fonte: Elias (1999)

Portanto, rompendo com “a tendência para privilegiar as substâncias”, afastando-se da “ilusão intelectualista”, do “economismo” e do “objetivismo”, o pesquisador teria maiores condições de estudar as classes, ou melhor, os grupos sociais, sem destituí-los de relações e interações entre si, sem reduzi-los ao jogo do campo econômico, sem ignorar as suas lutas simbólicas nos diferentes campos sociais (Bourdieu, 1989, p. 133).

Por isso, é premente que o pesquisador esteja cônscio, de que a “classe no papel”, ou seja, a “classe teórica” utilizada, não deve ser coincidente com a classe, em sua significação de grupo, de “grupo mobilizado para a luta”, como que por alguma alquimia² (Bourdieu, 1989, p. 136).

² A “alquimia” pode ser entendida no espectro da responsabilidade do pesquisador enquanto agente que pesquisa e faz ciência. Uma vez que a sua autoridade científica lhe permite *transformar, sobrepor ou equivaler* significados de palavras (ex.: classe no papel) a seus possíveis significados sociais (ex.: classe real), que, a depender do contexto social, possuem influências consideráveis na leitura da realidade social. Portanto, a alquimia é disposta no sentido aproximado à compreensão de Pierre Bourdieu acerca da *magia social*, isto é, “a ação mágica [que] estende à natureza a ação verbal que, sob certas condições, afeta os homens”. Além disso, “tais atos não podem ser realizados por qualquer agente; a maneira e a matéria do discurso proferido (pelo agente autorizado a



A respeito do estudo relacionado às classes sociais, alerta Bourdieu ao pesquisador, que o seu recorte teórico, em rigor, só pode ser compreendido enquanto uma “classe provável” ou “enquanto um conjunto de agentes que oporá menos obstáculos objetivos às ações de mobilização, do que qualquer outro conjunto de agentes”. Afinal, as classes, enquanto recorte próprio da análise estatística “não existem como grupos reais, embora expliquem a probabilidade de se constituírem em grupos práticos” (Bourdieu, 1989, p. 136-137).

Este recorte de grupos, sobremaneira reconhecido como teórico, deve levar em consideração o fato de que “não se pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo econômicas e sociais”. O que não exceta outras maneiras de organizá-las, a partir de critérios de “visão e divisão,” relacionados por exemplo, à antiguidade como feito por Elias e Scotson (2000) ou mesmo a outros critérios de divisão menos convencionais, como sendo a possibilidade de dispor os agentes por meio de outros princípios (Bourdieu, 1989, p. 138).

Para Bourdieu, mesmo a tarefa do cientista em opor os agentes em grupos, nos dizeres marxistas, em classes antagônicas, corresponde à “ambição de objetivar, de classificar objetivamente do exterior, os agentes que lutam para classificar e para se classificarem”. Isso significa afirmar que se trata de uma ambição em um “jogo em que o próprio cientista está metido, como todos os que discutem acerca das classes sociais”. Por isso, a famigerada “oposição entre os proprietários dos meios de produção e os vendedores da força de trabalho”, conduziriam o cientista a organizar os agentes a partir de uma “representação unidimensional e unilinear do mundo social”, de visão

realizá-lo) dependem da posição social do interlocutor, que comanda o acesso ao que ele chama de ‘palavra legítima’” (Assensio, & Oliveira Júnior, 2015, p.1).



dualista, em um espaço social multidimensional de posições e relações que é o campo social (Bourdieu, 1989, p. 151-152).

Assim, classificar grupos pode tender a privilegiar, como falamos, substâncias, ilusões intelectualistas, economismos, objetivismos e determinismos. Estando o cientista em terreno perigoso, ameaçado por si mesmo e pelos outros, isto é, na realização de um “trabalho de categorização que se faz sem interrupção a cada momento da existência corrente”, ele pode deslizar em juízos de valor modulados por pré-noções. Por isso, o autor diz que “não é por acaso que ‘kategorien’ de que vem as nossas categorias e os nossos categoremas, significa acusar publicamente” (Bourdieu, 1989, p. 142).

Acusação que pode se realizar por meio de uma forma de classificação de grupos oriunda de “fantasias egocêntricas e etnocêntricas, que constituem fatores decisivos de percepção, pensamento e ação”, como enfatizado por Elias (1999, p. 27). Sobre este perigo, nos esclarece Johanna Siméant-Germanos (2023, p. 1-2), que o sociólogo em campo se encontra muitas vezes em “terrenos escorregadios, lamacentos ou escarpados” envolvido numa luta em “um esporte de combate”.

No rol de fantasias, como no passado e “como acontece tantas vezes, os grupos dominantes convertem em fantasias a sua ansiedade”, isto é, classificam outros grupos a partir de suas ânsias e medos dispostos em modos de pensamento egocêntricos, disseminados para modular discursos e visões de mundo, enormemente aceites nos espaços sociais, científico, político e intelectual (Elias, 1999, p. 28).

Isto lembra o que Durkheim, citado por Remi Lenoir, chamou de “um véu que se interpõe entre as coisas e nós e acaba por dissimulá-las” (Durkheim, 1995 apud Lenoir, 1998, p. 61). Por isso, Lenoir conclui que “essas pré-noções encontram sua força em um fundamento e função social”, pois correspondem a determinado ajuste da vida



prática. O que sobremaneira, em sua visão, “dificulta ainda mais a tarefa de nos libertar delas na medida em que se tornam banais, evidentes, legítimas” (Lenoir, 1998, p. 61).

Este sentido de evidência e legitimidade, apontados por Lenoir (1998), quanto por Elias (1999, p. 17), subjaz na linguagem corrente, ou como dito pelo último, no “idioma corrente” de sociedades europeias ou naquelas sob sua influência. Em consequência, tal idioma incide no processo de elaboração de categorias que classificam determinados fenômenos. Constando como tarefa primeira do sociólogo, segundo o autor, “o estudo do processo de elaboração dessas categorias” (Lenoir, 1998, p. 63).

Tomando como linha de análise as formas de categorizar a velhice, explica que sob o véu do qual falou Durkheim, ela aparece “como uma categoria natural e evidente”, aduz Lenoir (1998). A utilização costumaz de pesquisadores em tomarem a idade cronológica para determinar grupos de pessoas idosas e diferençá-las de outros grupos etários, torna-se um obstáculo a ser superado pelo sociólogo, uma vez que sua determinação não pode ser assegurada tão somente estatisticamente, mas em termos comparativos, portanto, contextuais e relacionais entre e nos grupos sociais.

Ante ao fato, Lenoir explica que Maurice Halbwachs “ficava impressionado pelo fato de a idade ser utilizada como princípio de formação de grupos”, pois a idade não constitui um dado natural, mas uma “noção social, estabelecida por comparação com diversos membros do grupo” (Halbwachs, 1972 apud Lenoir, 1998, p. 64).

Apesar disso, a idade cronológica não deve ser vista como um apêndice de outras classificações, mas como elemento comparativo ajustável ao contexto, isto é, “segundo a época, os costumes, as instituições e a própria composição da população, damos mais ou menos importância a essa característica,” pois “a juventude, a idade adulta e a velhice são definidas pela opinião de forma bastante diferente” (Halbwachs, 1972, p. 334). Portanto, a percepção do sociólogo acerca das idades dispostas em suas



pesquisas, sejam aqueles que estudam grupos de jovens ou velhos, não pode ser tratada como “uma característica independente do contexto no qual ela toma sentido, tanto mais que a fixação de uma idade é produto de uma luta que envolve diferentes gerações” (Lenoir, 1998, p. 68).

Insta argumentar que, como colocado pelo autor, “isso não significa tampouco que a idade cronológica” esteja destituída de “qualquer realidade social,” pois esta é “evocada continuamente pelos indivíduos (aniversários, diligências administrativas, etc.) e constitui uma espécie de padrão abstrato e *omnibus* de identificação ou, se preferirmos, um referente que permite fazer comparações”. Além do mais, no campo social, a categoria idade é a expressão de uma relação desigual e conflitiva de forças entre gerações e classes sociais: não é um elemento dado, imutável, eterno, evidente, mas a resultante de disputas pela sua definição, complexidade que ressoa sobre o fazer do pesquisador ao elaborar recortes de populações (Lenoir, 1998, p. 71).

Uma forma corrente de recortar grupos se dá, também, na categorização da família, por isso, “o simples fato de falar de ‘família’ equivale a pressupor uma certa representação social dos grupos”, que pode resvalar no equívoco de senso comum, de que a sua definição depende de critérios de “unicidade do grupo” e deve a ela a sua existência. O que exige do pesquisador a compreensão de que a classificação a que ele se apropria para trabalhar determinados temas sociais, deve evocar “a sociologia da construção da noção”, ou seja, o trabalho de investigar como são construídos grupos de classificação e o porquê são assim construídos (Lenoir, 1998, p. 74 - 75).

Portanto, os modelos científicos mais inadequados ao estudo de grupos nas ciências sociais, por serem advindos de conceitos e noções da física e metafísica, sejam aqueles recortados teoricamente como classes sociais, grupos etários, grupos familiares, etc., para se adequarem às ciências sociais, necessitam de uma “inovação no campo linguístico e social”, que exige “esforços convergentes de muita gente,”



porque ocorre em simultâneo ao “desenvolvimento da teia de relações humanas como um todo”. A mudança da qual falamos é gradual e difícil, porque depende de “tendências de flutuação na distribuição do poder e nas consequentes lutas para o adquirir” e não se dá por ingênuo imposição (Elias, 1999, p. 22- 23).

Desvincilar a linguagem científica corrente das ciências sociais de duas criaturas protetoras dos limites territoriais do mar, como Cila e Caríbides, neste caso, dos limites impostos pela física e metafísica, exigiria mais estratégia e persistência, que radicalidade, pois segundo Elias (1999, p. 23) “pode ser frágil uma tentativa prematura de mudança”, sobretudo, se descura a compreensão de que “certas transformações sociais só podem efetuar, se é que se podem mesmo efetuar, quando houver um desenvolvimento que abarque várias gerações”, o que não renuncia a necessária mobilização dos agentes de transformação (Elias, 1999, p. 21). Pois até mesmo os pensamentos mágico-mítico, que deram base ao pensamento metafísico, e aqueles baseados em modelos da física e da química, foram solidificados, gradualmente, ao longo de séculos, sobretudo o último em sustentação ao primeiro (Elias, 1999, p. 16-17).

Esses modos de pensar e de falar a que estamos acostumados, são habitualmente tendenciosos a “reificar e desumanizar as estruturas sociais” e a enxergar os fenômenos sociais pela ótica da “mecânica e da causalidade” (Elias, 1999, p. 16-19). Ante ao fato, “a Sociologia deverá produzir gradualmente outros conceitos que sejam mais adequados às particularidades das representações sociais do homem”, sugere Elias (1999, p. 18). Conceitos outros, também mais adequados aos estudos dos grupos sociais.

A PROPOSTA DE ELIAS EM OPOSIÇÃO A REIFICAÇÃO DE CONCEITOS: OS PRONOMES PESSOAIS COMO MODELOS FIGURACIONAIS



Retirados da linguagem corrente cotidiana, os pronomes pessoais são percepcionados por Elias como modelos promissores de constituição de novos conceitos científicos para a sociologia. Os mesmos oportunizam a possibilidade de a linguagem, o vocabulário, o discurso e o pensamento, nas Ciências Sociais, se afastarem daqueles tipos estáticos, antropomórficos e egocêntricos.

A utilização dos pronomes não é exatamente novidade, isto porque são utilizados no vocabulário científico moderno de formas bastante limitadas. Um exemplo é a utilização da primeira pessoa do singular que ainda funciona na linguagem atual, como sendo, não um referente de ligação entre ele e os demais pronomes, mas um elemento isolado, um substantivo, um eu, uma pessoa sem quaisquer conexões com as demais, tornando-se um conceito de “substância” e não de “relações” (Elias, 1999, p.133).

Sob tal influência, do estatuto da linguagem da ciência moderna, alguns sociólogos orientaram os seus trabalhos: Talcott Parsons, Max Weber e Durkheim. A segmentação que fez Parsons entre o eu e os demais pronomes (“ego” e “alter”), exemplifica a força de tal tradição científica. Como argumentado, Weber e Durkheim também insistiram em desagregar o eu, dos outros, o indivíduo, da sociedade. Esses argumentos teóricos originaram conceitos mais aparentados a coisas isoladas e estáticas. Parte disso explica por que havia em Max Weber “o sentimento de que deve haver algures uma linha de demarcação ou uma divisão entre o que podemos designar como individual e o que pode ser considerado social”, influenciando a composição de seus conceitos, explica Elias (1999, p.131 - 134). Este estatuto tinha por designio prevalente “a redução de tudo aquilo que se observava como sendo móvel e mutável a algo imutável e eterno”. Por isso, a dificuldade dos sociólogos em se desvincilharem de injunções, que apesar de lhes causarem “certa inquietação e talvez mesmo a



consciência pesada”, por serem inadequadas ao estudo de fenômenos sociais, lhes garantiam o selo de cientificidade (Elias, 1999, p. 124).

Podemos suspeitar também que a tradição da linguagem da ciência moderna esteja na herança deixada pelo *Homo Sociologicus* para o vocabulário da sociologia, linguagem ainda muito assemelhada a do *Homo Clausus* e distante daquela do *Homines Aperti*. O homem sociológico, ou poderíamos o comparar a Talcott Parsons, Max Weber ou Durkheim, como sendo aqueles que, apesar dos avanços nas mudanças de conceitos mais adequadas ao estudo de sociedades, ainda resvalaram em uma comunicação egocêntrica, segmentada, substantivada e reificada das relações dos indivíduos, e que justamente por isso, ainda possui um discurso que se aparenta ao homem fechado, hermético e longe da semelhança do homem aberto, interdependente (Elias, 1999, p. 132- 136).

É interessante notar que, de maneira diferente, o modelo figuracional – relacional – dos pronomes pessoais, propõe abrir e religar as partes, indivíduo sociedade, eu, tu, eles ou elas, nós, vós, eles ou elas. Por isso, consoante ao estudo dos grupos humanos, “os pronomes pessoais representam o conjunto elementar de coordenadas com as quais se possa esboçar todas as sociedades ou agrupamentos humanos”. Portanto, por serem “relacionais” e “funcionais”, fornecem várias formas de interpretar um grupo social ou a relação entre grupos sociais a partir das ligações entre as suas diversas posições. Assim, ao invés de essencializá-los, os pronomes permitem a interpretação dos mesmos a partir de distintas perspectivas – eu, tu, ele ou ela, nós, vós, eles ou elas (Elias, 1999, p. 134 - 135).

Portanto, na proposta de Elias, os pronomes não são apenas palavras, mas constituem conceitos orientados para pesquisas com grupos humanos. Assim, o conceito de “eu” tem relação com os significados dos demais conceitos pronominais. Por isto, insta destacar que em determinadas pesquisas, “muitas vezes são precisos



todos os pronomes da série para que se faça justiça às múltiplas perspectivas” que um fenômeno pode ter, aos olhos das pessoas envolvidas (Elias, 1999, p. 135 e 138). Também a transitoriedade das posições dos indivíduos nos grupos sociais os quais pertencem, encontra adequação na disposição do modelo dos pronomes, porque “nem sempre [eles] se referem as mesmas pessoas, [...] pois as configurações a que habitualmente se referem podem mudar no decurso de uma vida,” assim como as configurações de um grupo social (Elias, 1999, p. 139).

Conceitualmente os pronomes dispõem de “um conjunto de coordenadas com referência não só as funções sociais, mas também a qualquer estrutura social particular”, e é sem dúvida uma alternativa para a mudança nas formas de linguagem e pensamento científicos de sociedades ocidentais, herdeiras de modelos conceituais teóricos e metodológicos dos domínios da metafísica e física. Além de conter a “vantagem de nos permitir ver novamente as pessoas por detrás de tudo quanto é impessoal”. De levar o sociólogo adquirir distintas perspectivas para estudar, não só, mas também os grupos sociais (Elias, 1999, p. 138).

Para reavaliar nossas opções metodológicas e orientar nossos trabalhos que se encaminham para análise dos grupos sociais, devemos tanto espelhar-nos em como fizeram os autores aqui trabalhados, como afastarmo-nos, tanto quanto possível e seja aconselhável, dos modelos conceituais teóricos e metodológicos dos domínios da metafísica e da física. Norbert Elias e John Scotson (2000), na obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, apontaram caminhos acerca do problema que colocamos.

À primeira vista, pode-se pensar que os autores, ao nominarem os grupos a serem analisados, conforme uma característica marcante, poderiam ter caído na teia do essencialismo, suspeição que desvanece quando Elias e Scotson (2000) explicam, que, adjunto ao método quantitativo, seria indispensável o posicionamento de uma



análise e sinopse configuracional. Com Elias (1999, p. 142) entendemos por configuração “o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelos que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros”, isto é, uma dinâmica social em que os jogadores são interdependentes, ainda que sejam adversários.

Além disso, Elias e Scotson (2000) demonstraram que os grupos sociais posicionados no espaço social, não devem e nem podem ser compreendidos no estrito jogo do campo econômico. Sobre isso, Bourdieu exprimiu que no espaço social, a despeito da consciência de classe a qual o marxismo evoca, um senso de lugar se faz essencial, porque permite aos agentes não só obter como referente a noção de sua posição em termos de classe social, mas em todo o “domínio prático da estrutura social no seu conjunto, o qual se descobre através do sentido da posição ocupada nessa estrutura”, constando nos termos de Erving Goffman (1951) como sendo um *sense of one's place*, elucida Bourdieu (1989, p. 142).

Neste sentido, as posições dos agentes ou grupos sociais tornam-se passíveis de referenciações múltiplas, isto é, abrangem um espaço multidimensional de posições dos agentes nos diferentes campos, municiados de diferentes tipos de capitais. Isto remete ao modelo figuracional dos pronomes pessoais proposto por Elias (1999), também se aproxima da análise realizada por Michel Nicolau Netto e Miqueli Michetti (2023, p. 355) que demonstra que em um mundo globalizado os referenciais do nacional e do internacional não são suplantados, mas reorganizados por meio do que chamaram de “novas composições distintivas entre diferentes ‘escalas geossimbólicas’” que, portanto, erigem novas e diferenciadas formas de representações sociais.

Assim, Norbert Elias e John Scotson (2000) constroem uma análise que rejeita o economismo, de modo que, abrem possibilidades interpretativas dos grupos sociais



a partir de outros pontos de vista. Posto que os grupos de trabalhadores assalariados das zonas destacadas para a análise, não possuíam muitas diferenças no que diz respeito à renda, profissão e classe social, sendo maiormente diferenciados, via critérios de antiguidade na região, o que fundamentava atitudes estigmatizantes de um grupo de moradores mais antigo em direção a um grupo mais recente (Elias e Scotson, 2000; Bourdieu, 1989).

Ademais, Remi Lenoir (1998) contribui com o estudo de grupos, na medida em que instrui o pesquisador no tratamento do “objeto sociológico e do problema social”, especialmente, porque esclarece os equívocos nos usos procedimentais referentes a recortes de grupos teóricos e a utilização de algumas categoriais sociais que se referem a eles, tais como grupos etários, grupo de jovens, idosos, adultos, grupos familiares, etc., como se equivalsessem a grupos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta reflexão acerca de procedimentos teóricos - metodológicos, relativos às Ciências Sociais, trouxe uma importante discussão voltada para a suas bases conceituais, contextuais, históricas e sociais.

A partir, sobretudo de Norbert Elias (1999, p. 120), alguns obstáculos metodológicos que ainda impedem o desenvolvimento da autonomia da sociologia, foram revelados, porque ainda persistem no nível de sua linguagem, a influência de outras áreas, não coincidentes com as Ciências Humanas.

Por isso, é importante haver um esforço por parte dos sociólogos e pesquisadores, que utilizam métodos e teorias sociológicas, para a reorientação do pensamento desta disciplina. Não sendo uma tarefa fácil, porque impõe aos próprios



pesquisadores uma vigilância sobre si mesmos, além de uma aceitação de que a sua concretização só se faz gradualmente.

Neste sentido, concordamos com Elias (1999, p. 121), quando este nos diz que “a complexidade de muitas teorias sociológicas modernas, deve-se não à complexidade do campo de investigação que elas procuram elucidar, mas ao tipo de conceitos usados”. Pois a eficácia dos mesmos, que se deu em outras ciências físico-químicas, não deve ser transposta às ciências sociais, não sem readequações. Assim, os nossos modelos conceituais, tipos metodológicos e procedimentais, precisam de uma ruptura com noções que colocam os sujeitos como pessoas abstratas.

O modelo dos pronomes pessoais, sugeridos por Elias (1999), esboçam uma via em meio a trajetos já consolidados das ciências mais antigas que a sociologia, em vistas de proporcionar a seus agentes a possibilidade de criar seus próprios conceitos.

Portanto, as noções e objetos analíticos das ciências físico-químicas, que se dão a partir de relações de causa e efeito ou orgânicas, não se adequam à compreensão de configurações sociais de pessoas em relações interdependentes e mutáveis.

A utilização do modelo figuracional dos pronomes pessoais, permite que pesquisas que envolvem humanos, coletividades, grupos sociais, tenham como referenciais interpretativos uma diversidade de relações possíveis, a partir de seus referentes pronominais. Como também lembrado por Bourdieu (1989), ao mobilizar o que comprehende Goffman (1951), acerca do senso da posição que os agentes possuem nos espaços sociais.

No modelo figuracional pronominal, quanto na compreensão do senso de lugar, disposto por Goffman (1951), a análise sociológica dos grupos sociais rompe com o que Bourdieu (1989, p. 138) denominou como “lógica determinista” e “lógica voluntarista” de teoria marxista, que concebe as posições e representações dos agentes sociais no espaço social, em termos preponderantemente econômicos. Abordagem em



que os agentes tomariam, por certo determinismo teórico, previsão e voluntarismo, a consciência de sua antiga inconsciência de classe. E, portanto, teriam suas posições demarcadas pela prevalência de uma consciência exterior ao indivíduo, em um espaço dual de posições que a visão marxista oferece: de dominados ou de dominadores (Bourdieu, 1989, p. 151).

Romper com essas lógicas, proporciona ao pesquisador enxergar além das oposições de classe e lhes permite aceder a um modo de “pensamento relacional” que observa na interação as chances de conhecer as “permutas reais” dos agentes, seja devido aos conflitos ou solidariedades reais enfrentadas nos grupos sociais a que pertencem em seus mais distintos campos sociais (Bourdieu, 1989, p. 134).

Por fim, o modelo dos pronomes pessoais apresenta capacidades adaptativas perante a incontinência das relações e mudanças das posições humanas em sociedade, em grupos sociais constituídos. Também proporciona a mudança na linguagem corrente científica a qual se apropria as Ciências Sociais.

REFERÊNCIAS

- ASSENSIO, Cibele Barbalho & OLIVEIRA JÚNIOR, Jorge Gonçalves. 2015. "Linguagem e ritual- Pierre Bourdieu". In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: ISSN: 2676-038X (online)
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e gênese das classes. In **O Poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- DURKHEIM, Émile. (1895). **As regras do método sociológico**. Paris. Alcan, p.16; nova ed., Paris, PUF (Col. “Quadrige”), 1995.



ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GOFFMAN, Erving. 1951. "Symbols of Class Status." **The British Journal of Sociology** 2(4): 294-304.

HALBWACHS, Maurice. (1972). A estatística na Sociologia, 1935, reproduzido in. M. Halbwachs, Maurice. **Classes sociais e morfologia**, Paris, Ed. De Minuit, p. 329-348.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In Champagne, Patrick et al. **Iniciação à prática sociológica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

NICOLAU NETTO, Michel; MICHETTI, Miqueli. Os Mundos da distinção: turismo e capital cultural na globalização, para além da tese do cosmopolitismo. **REPOCS**, 2023.

SIMÉANT-GERMANOS, Johanna. Situando o campo empírico do internacional. **REPOCS/UFMA**, v.20, n.02, 2023.

Recebido: 27 de julho de 2024

Aceito: 11 de junho de 2025

Publicado: 31 de janeiro de 2026

